

Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas¹

Event analysis: methodological possibilities

VERA VEIGA FRANÇA^a

Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.
Belo Horizonte – MG, Brasil

SUZANA CUNHA LOPES^b

Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.
Belo Horizonte – MG, Brasil

RESUMO

A proposta deste artigo é refletir sobre como o conceito de acontecimento pode ser orientador e/ou operador metodológico na área da Comunicação. Para isso, começamos apresentando a noção pragmatista de acontecimento. Depois, destacamos alguns vieses analíticos: o poder hermenêutico do acontecimento para busca de sentidos em jogos de temporalidades e enquadramentos; a passibilidade do acontecimento para análise de experiências, afetações e configuração de públicos; a dupla vida do acontecimento para investigar as dimensões existenciais e simbólicas de um fenômeno; a espetacularização para estudos de acontecimentos midiáticos; e a individualização do acontecimento para interpretar suas particularidades e o contexto social que faz emergir.

Palavras-Chave: Acontecimento, metodologia, pragmatismo, comunicação

ABSTRACT

This article aims at reflecting about how the concept of event can be a methodological guide and/or operator in the Communication field. To do so, we started by presenting the pragmatist notion of event. Then, we highlighted some analytical standpoints: the hermeneutic power of the event in the search for meaning regarding temporalities and frameworks; the susceptibility of the event in analyses regarding experiences, effects and the setting of publics; the double life of the event to investigate the existential and symbolic dimensions of a phenomenon; spectacularization in the study of media events; and the individualization of the event to interpret its peculiarities and the social context it brings out.

Keywords: Event, methodology, pragmatism, communication

¹ Versão revista e ampliada de trabalho apresentado ao GT de Epistemologia da Comunicação do XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, de 7 a 10 de junho de 2016.

^a Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); fundadora e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG (Gris). Pesquisadora 1-B do CNPq. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6074-4333>. E-mail: veravfranca@yahoo.com.br

^b Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8363-7562>. E-mail: suzanaclopes@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A PARTIR DE NOSSAS experiências de docência e pesquisa na área da Comunicação, percebemos que, lamentavelmente, grande parte de nossos alunos e jovens pesquisadores ainda tem pouca clareza quanto à relação entre o quadro teórico-conceitual e a construção metodológica no desenvolvimento de um projeto de pesquisa. Com frequência, em um trabalho de dissertação ou tese, após uma boa fundamentação teórica do objeto de estudo, segue-se uma análise da empiria que pouco deve à discussão inicial, como se tivesse início ali uma segunda parte do trabalho, relativamente independente (no máximo recuperando alguns *insights* reflexivos). Não é rara, após a redação dos capítulos teóricos, a indagação: “e agora, como analisar o objeto? Preciso olhar alguns livros de metodologia para ver o que fazer...”

O que queremos defender aqui é que, na constituição de um projeto de pesquisa, a reflexão metodológica é indissociável da reflexão teórica e da maneira como ela incide sobre o objeto empírico; a metodologia é um *desdobramento natural* da problematização do objeto, é resultado da *operacionalização dos conceitos* norteadores.

Tomemos como ponto de partida a distinção entre problema e problematização (ainda que a utilização dessas duas palavras seja desnecessária – importando apenas o movimento que elas indicam). Um problema é uma pergunta, uma questão que dirigimos ao objeto que pretendemos estudar. É decorrente de uma dificuldade, um problema sentido na realidade (“por que a campanha de combate à dengue não é assumida fortemente pela sociedade?”); de um fenômeno novo, surpreendente (“O que explica o sucesso desse pequeno jornal, num momento em que a imprensa escrita está em declínio?”, “Qual o alcance mobilizador do Facebook na configuração dos novos movimentos sociais?”); de mudanças, enfim. O problema visa responder uma falha de conhecimento; trata-se de uma pergunta em busca de uma boa resposta (atenção: não vale perguntar o que já sabemos! Também temos que evitar questões muito grandes, que não teremos condições de responder. E, além disso, lembremos que a pergunta tem de ter alguma relevância, tanto acadêmica quanto social. Não se trata de uma curiosidade pessoal, mas de uma resposta que irá interessar uma comunidade científica e terá reflexos na sociedade a quem essa comunidade presta contas).

No entanto, se a pergunta é a detonadora do processo, ela não nos leva muito longe se não se apoiar em conhecimentos já disponíveis, em reflexões que deem consistência e ampliem seu potencial. É aqui que entra a teoria, o quadro teórico. A discussão teórica, o estado da arte, em um projeto, não aparece para mostrar nossa erudição, mas tem a função precípua de sustentar e abrir nosso problema. Ela transforma o problema em uma *problemática*. Então, se

o problema é uma questão, a problemática é o quadro mais amplo que situa e organiza a percepção do problema (Laville; Dionne, 1999).

Estamos, até aqui, na primeira metade da construção de um projeto: a formulação do *o quê*, a constituição de seu problema. Embora encontrar a boa questão seja às vezes uma tarefa árdua, essa primeira parte – formular e fundamentar o problema – não é a tarefa mais difícil. O grande desafio, com frequência, é a passagem para o *como*, a constituição do desenho metodológico – que vai expressar as relações entre a pergunta, inserida no quadro teórico que a sustenta, e o caminho para respondê-la.

Ora, como é bem evidente, o problema, as questões através das quais nós o formulamos, são construções abstratas; são indagações às quais é preciso dar corpo. “O papel mobilizador do Facebook”, “o carisma de tal celebridade” – o que é isso exatamente e como apreender tal coisa? Como passar da linguagem abstrata dos conceitos (mobilização, carisma) para a linguagem concreta da observação empírica? Está aqui o *pulo do gato*: conseguir especificar as manifestações observáveis do conceito, suas dimensões tangíveis. Em suma, traduzir o conceito em indicadores.

Esta fase é o que chamamos de *quadro operacional*, operacionalização dos conceitos, eleição dos conceitos-operadores. Temos de descobrir como operar com eles, como *fazer deles ferramentas de leitura*.

Não é nosso objetivo aqui desenvolver uma reflexão e uma exposição mais ampla sobre a construção metodológica de um projeto. De forma bem sucinta, podemos dizer que transformar e traduzir o problema em suas dimensões tangíveis, escolher seus indicadores (as *categorias* que vamos investigar) é o primeiro passo. A ele se segue a escolha das técnicas de coleta (os indicadores e categorias que vamos buscar nos orientam sobre onde e como buscá-los). Na sequência, o material coletado e a questão a ser respondida nos orientam na definição das técnicas de análise.

Esse breve roteiro da construção de um projeto contextualiza os propósitos deste texto: discutir as possibilidades metodológicas do conceito de acontecimento (que tem sido caro em nossas análises²), ou seja, as maneiras como esse conceito pode se transformar em um conceito-operador e gerar indicadores de análise. Através de quais operações tal conceito poderá orientar um percurso investigativo em torno do objeto a ser analisado? Em um dado momento, um acontecimento chama a atenção: o foco da Operação Lava-Jato e da mídia no triplex de Guarujá, por exemplo. A partir daí, como proceder? Como desenvolver o percurso analítico tomando este fato como um *acontecimento*?

Acontecimento, numa perspectiva pragmatista, refere-se a uma ocorrência, um fato concreto do cotidiano com grande poder de afetação, que suscita

² O conceito de acontecimento tem sido norteador dos trabalhos que temos desenvolvido em nosso grupo de pesquisa. A partir das discussões teóricas, metodológicas e empíricas acerca do acontecimento, já foram realizadas monografias, dissertações, teses e projetos de pesquisa e extensão.

inquietações, demanda escolhas e provoca ações, este fato convoca e revela sentidos, que dizem da sociedade na qual ele ocorre. Ao discutir sobre o conceito, empreendemos uma reflexão que pode ser, ao mesmo tempo, metodológica e também epistemológica da área da Comunicação, pois ao pensarmos sua operacionalização, delimitamos também nossa posição em relação à Comunicação, à postura sobre a qual é o nosso objeto e como podem ser efetuadas as nossas perguntas para ele.

Assim como procuramos sugerir acima, problematizar nosso objeto de estudo, com vistas a chegar a uma boa formulação de um problema de pesquisa e desdobrá-lo em indicadores metodológicos, supõe um trabalho de elaboração. É preciso explorar as potencialidades do conceito e, conforme o que elas nos indicam, escolher nossa pergunta. O conceito de acontecimento nos apresenta inúmeras possibilidades; cada uma delas abre vias de indagação e caminhos metodológicos distintos. Apresentamos a seguir um exercício experimental, buscando explorar algumas dessas possibilidades.

DE QUE ACONTECIMENTO ESTAMOS FALANDO?

Antes de avançarmos nesse exercício, é necessário inicialmente explicitar melhor de qual acontecimento estamos falando, dada as diferentes correntes e áreas que trabalham com o termo. Da Filosofia ao Jornalismo, passando pela História, o conceito já foi explorado a partir de diversas perspectivas.

O acontecimento como objeto de estudo na História trabalha com a construção do social a partir das temporalidades, de um presente, passado e futuro que se mostram por meio de um evento (Koselleck, 2006). Nesse jogo dos tempos, Koselleck (2006) pontua que a história do presente sempre se manifesta a partir da experiência e da expectativa, duas categorias interdependentes e complementares que, para o autor, constituem nossa sensibilidade do tempo ao estudar ou a vivenciar um evento histórico.

Filósofos como Arendt (2008), Ricoeur (1991) e Foucault (2014) trazem contribuições significativas para tratar do conceito e veem no acontecimento uma chave para a compreensão de aspectos distintos das relações humanas. Ricoeur e Foucault trataram o acontecimento como fenômeno linguístico, manifestação social por meio da narrativa e do discurso. Já Arendt encontra nos acontecimentos uma forma de buscar a compreensão:

A compreensão, diferentemente da informação correta e do conhecimento científico, é um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos. É uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, chegamos a um

acordo e a uma conciliação com a realidade, isto é, tentamos sentir o mundo como nossa casa (Arendt, 2008: 330).

Também nos estudos comunicacionais encontramos diferentes abordagens do acontecimento, notadamente nos estudos de Jornalismo, em que o termo já foi empregado tanto para designar o substrato da notícia e sua elaboração discursiva pelos meios massivos – o acontecimento como fenômeno social recortado e evidenciado pela mídia (Charaudeau, 2006; Mouillaud, 2002) – quanto para entender o jornalismo como uma das gramáticas da escrita do social no contemporâneo (Meditsch, 2010).

Algumas dessas abordagens têm uma visão construtivista do acontecimento, ou seja, tratam-no como um objeto primordialmente da linguagem e do pensamento humano, deixando em segundo plano ou negligenciando a dimensão existencial, factual do acontecimento. É nesse aspecto que esses usos se diferenciam de outra noção do conceito, de viés pragmatista, trabalhada pelo sociólogo Louis Quéré – que é a referência a partir da qual iremos propor a seguir diferentes usos metodológicos do conceito.

Para Quéré (2011a), seja antes ou depois de um processo de simbolização pela linguagem, os acontecimentos são vistos como ocorrências no mundo material que promovem a afetação dos nossos sentidos. “Pelo viés pragmatista, entendemos que os acontecimentos são coisas concretas, coisas reais, antes de serem colocadas no discurso. São coisas que ocorrem, que se passam” (Ibid.: 179). É essa *dimensão da experiência* no acontecimento que nos parece instigante, pois nos possibilita identificar nele os elementos que constituem nossas interações com os outros seres humanos e também com todo o restante do mundo da vida cotidiana, entrecortada pelo inesperado, pelo episódico, pelo emergente que irrompe, desorganiza e (re)organiza o social.

É nessa perspectiva, então, que o acontecimento não se resume a um objeto a ser explicado ou uma construção linguageira que conforma a realidade, mas é tomado como algo que mostra o que somos enquanto sociedade. Há, na perspectiva defendida por Quéré, uma inversão em relação às anteriormente citadas, o que, para nós, confere um poder hermenêutico mais promissor para o conceito.

Em vez de ser o contexto no qual o acontecimento se produziu a esclarecê-lo, passa a ser o acontecimento a esclarecer seu contexto, a modificar a inteligência de acontecimentos ou de experiências anteriores, a revelar uma situação com os seus horizontes, a descobrir “uma paisagem inesperada de acções e de paixões” (Arendt), a fazer surgir possibilidades e eventualidades insuspeitas, a projectar a sua luz sobre o que o terá precedido e sobre o que lhe poderá seguir (Idem, 2005: 67).

Como já ressaltamos em outras oportunidades (França, 2012), a potencialidade do acontecimento reside no desafio de identificar, através dele, tendências que apontam para a preservação e/ou renovação da vida social.

DIFERENTES DIMENSÕES METODOLÓGICAS

Partindo, assim, de uma visão pragmatista do acontecimento, iremos agora explorar as possibilidades analíticas do conceito no âmbito metodológico, ou seja, a maneira como ele pode ser operacionalizado no contexto de uma pesquisa científica – lembrando que o que definirá a escolha de caminhos é a pergunta, a formulação do problema. A operacionalização do conceito se faz em função daquilo que ele deve ajudar a responder.

Vale ressaltar que, como qualquer outro operador teórico-metodológico, o acontecimento deve dialogar com a empiria da pesquisa, em um processo de mútua compreensão e mútuo enfrentamento, não sendo utilizado como amarra ou simples aplicação. Do contrário, enfraquece sua potencialidade analítica para tornar-se um instrumento burocrático. Feitas essas pontuações, detalhamos a seguir as diferentes abordagens possíveis do acontecimento.

Poder hermenêutico do acontecimento

O acontecimento, quando da sua irrupção no cotidiano, faz emergir sentidos, discursos e simbolizações na busca de compreendê-lo, defini-lo, apreendê-lo e narrá-lo. Quéré denomina esse poder de gerar sentidos do acontecimento como poder hermenêutico: “por um lado, ele pede para ser compreendido, e não apenas explicado, por causas; por outro, ele faz compreender as coisas – tem, portanto, um poder de revelação” (Quéré, 2005: 60).

Nessa perspectiva, o acontecimento torna também perceptível a movimentação de temporalidades. Para Quéré (2005: 69), o acontecimento “não se produz somente no tempo: dá também ‘o tempo a ver’”. Localizado no presente, convoca e (re)constrói passados e aponta para futuros possíveis. Citando Mead ele destaca: uma dada situação “torna-se uma história e uma profecia” (Mead, 1932: 52 apud Quéré, 2005: 62). Assim, ao acontecer, o acontecimento revela seu passado e descortina horizontes de possibilidades.

Como instaurador de novos horizontes, o acontecimento, portanto, possui um caráter fundador e inaugural, “introduz, necessariamente, alguma coisa de novo ou de inédito” (Ibid.: 61).

Em outras ocasiões, abordamos a potencialidade do acontecimento para trazer à tona questões públicas veladas, assim como para apontar possibilidades,

mobilizar e provocar mudanças (França, 2011). É por este caminho que, metodologicamente, o conceito pode ser utilizado como operador analítico ou pode estruturar, com esses pressupostos, as escolhas de procedimentos e técnicas de análise.

Assim, o acontecimento oferece ricos elementos teóricos para pesquisas que buscam indagar sobre os sentidos sociais produzidos e que circulam a partir de determinada ocorrência. Um fato político, como a posse de um presidente, uma manifestação de rua ou a implementação de uma política pública geram diferentes sentidos materializados em variadas formas discursivas, oralizadas (como bate-papos na parada de ônibus) ou impressas em imagens e palavras veiculadas pela mídia.

Ao olhar para essas diferentes movimentações de sentidos dos acontecimentos e ao eleger as materialidades a partir das quais eles podem ser analisados, o pesquisador buscará perceber os sentidos em circulação, suas variações, formulações e contradições, analisando o que eles revelam sobre o acontecimento em si e, a partir dele, o que apresentam da sociedade. Dessa maneira, é possível identificar o que foi evocado ou perturbado pelo acontecimento e quais seus desdobramentos, os horizontes que descortina e para onde ele aponta.

Outra possibilidade é analisar os diferentes enquadramentos de um acontecimento, não apenas identificando o ângulo adotado pelas abordagens noticiosas, mas sobretudo percebendo a utilização de quadros de sentido (Goffman, 2012), isto é, a inserção do acontecimento dentro de determinadas configurações, a definição de situações interativas e o posicionamento dos sujeitos no âmbito do acontecimento. Ao buscar compreender, por exemplo, os enquadramentos da visita do Papa ao Brasil, o pesquisador analisará os diversos sentidos produzidos por meio da identificação dos quadros, dos sujeitos e das suas interações.

Tomemos o caso das comemorações dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil³: uma análise das diferentes produções discursivas desenvolvidas ao longo deste evento é bastante elucidativa da diversidade de sentidos evocados pela data e pelas festividades e/ou movimentos de contestação realizados no ano de 2000. Que passado foi evocado tanto para as comemorações como para o *descobrimento* de Cabral? Como esse tempo (500 anos) foi contado – que cronologia foi aberta? Que atores, em quais papéis, fizeram parte desse acontecimento?

A operacionalização do poder hermenêutico do acontecimento, como ilustrado nos exemplos acima, se direciona, então, para a identificação e exploração das diferentes possibilidades de leitura instauradas pelo acontecimento para a compreensão dos diversos sentidos que ele inaugura.

³ Veja, a propósito, a coletânea de estudos produzidos pelos pesquisadores de nosso grupo de pesquisa sobre as comemorações dos 500 anos: *Imagens do Brasil – modos de ver, modos de conviver* (França; Guimarães; Vaz, 2002).

Passibilidade do acontecimento

Outro aspecto importante do conceito de acontecimento é sua dimensão de passibilidade, que Quéré denomina poder de afetação: o “modo como essas ocorrências [acontecimentos] tocam a experiência dos sujeitos” (Simões, 2014: 191) e sua capacidade de gerar ações em consequência. O destaque aqui é dado ao fato de o acontecimento gerar afetação em alguém, provocar experiência. Partimos aqui da noção de experiência dos pragmatistas, especialmente Dewey (2010), quando entendem a experiência como fruto da interação dos sujeitos com o mundo e entre si, no sentido de que uma ação sempre gera outra ação em consequência, em um processo não linear e transmissivo, mas sim de mútua afetação:

O verdadeiro acontecimento não é unicamente da ordem do que ocorre, do que se passa e do que produz, mas também do que acontece a alguém. Se ele acontece a alguém, isso quer dizer que é suportado por alguém. Feliz ou infelizmente. Quer dizer que ele afecta alguém, de uma maneira ou de outra, e que suscita reacções e respostas mais ou menos apropriadas (Quéré, 2005: 61).

Quéré faz referência ao duplo reflexo de construção da experiência, que conforme Dewey (2010) se dá pelo sofrer e pelo agir em consequência, base também das situações de interação social.

Os estudos sobre públicos encontram assim, no conceito de acontecimento, um operador analítico para desvendar que indivíduos são afetados por determinada emergência social, como eles se configuram e são convocados como público, quais suas (re)ações e afetações. Babo (2013) observa que os acontecimentos sempre dão a ver seus públicos, podendo instaurar, dependendo das formas de afetações e (re)ações dos indivíduos, problemas públicos de ampla discussão social.

Acontecimentos de violência contra a mulher, por exemplo, podem convocar a configuração de diferentes públicos, os quais, por sua vez, colocam em circulação variados discursos que, potencialmente, poderão instaurar um debate público acerca dessa problemática, envolvendo correntes e posturas políticas diversificadas.

Além da análise de públicos, a passibilidade dos acontecimentos pode auxiliar na tradução de experiências comunicativas. Retomando o exemplo da visita do Papa ao Brasil na ocasião da Jornada Mundial da Juventude, uma análise comunicacional também poderia se configurar a partir da observação dos jovens em interação em variados espaços desse acontecimento. Nesse caso, o pesquisador buscaria perceber a afetação dos sujeitos na ocasião da interação, identificando também as manifestações verbalizadas ou corporais dessa afetação.

Com frequência, alguns programas televisivos, em algum momento decisivo, tornam-se verdadeiros acontecimentos – vide o final de certas novelas ou a votação decisiva na eliminação dos participantes do Big Brother Brasil (BBB). Almeida (2008), analisando o BBB 7, mostrou bem como um evento amoroso surgido no âmbito do programa comoveu e criou adesão de públicos, provocando, no mesmo movimento, uma aversão ao personagem Cowboy (lido como o vilão da história). O envolvimento do público se desdobrou, inclusive, em manifestações agressivas dirigidas ao ex-BBB e à sua família.

A operacionalização do conceito de acontecimento pela via de sua possibilidade orienta, assim, a identificação dos públicos criados e afetados por ele, as formas de comportamento e ações dele decorrentes.

A dupla vida do acontecimento

Um dos principais fundamentos da concepção pragmatista de acontecimento com a qual trabalhamos é sua dupla dimensão ou, como Quéré (2012) denomina, “dupla vida”. A primeira é a vida existencial do acontecimento, um dos principais aspectos que distingue essa abordagem teórica em relação a outras concepções. Essa dimensão evidencia o momento de erupção e irrupção do acontecimento, sua forma vivenciada na experiência, a maneira como afeta o cotidiano coletivo e a sensibilidade dos sujeitos: “o existencial é simplesmente o que existe, o que experimentamos como existente concretamente com suas qualidades imediatas” (Quéré, 2012: 23).

Ao gerar afetação em indivíduos e coletividades, por conseguinte, o acontecimento também faz emergir sentidos na busca de defini-lo, apreendê-lo, narrá-lo e compreendê-lo. Nesse âmbito, o acontecimento revela sua segunda face, de alta potencialidade simbólica, que faz de um fenômeno existencial um objeto de conhecimento, no sentido de ser passível de identificação (delimitação, mesmo que não definitiva) e interpretação. De acordo com Simões (2014: 190), “o acontecimento-existencial ganha uma nova dimensão ao ser simbolizado, através da linguagem, o que o constitui como acontecimento-objeto”. A natureza de objeto dos acontecimentos está relacionada, assim, à possibilidade de sua “domesticação” a fim de serem compreendidos, revelando passados e futuros possíveis (Quéré, 2012).

É preciso, contudo, destacar que apesar de serem distintas teoricamente, essas duas vidas do acontecimento estão intrinsecamente relacionadas, sendo, na prática, impossível de separá-las. E essa não é a proposta analítica. Evidenciar essas duas faces se faz necessário para não as perder de vista como dimensões articuladas, mesmo que uma análise tenha foco na dimensão simbólica, de

produção de sentidos de um acontecimento, ou procure enfatizar sua dimensão enquanto experiência.

É nessa dupla possibilidade também que as duas vidas do acontecimento contribuem para as pesquisas em Comunicação. Por um lado, permite a identificação e a análise das experiências individuais e coletivas, das afetações e da factualidade dos fenômenos. Por outro, possibilita visualizar como se dá a construção de narrativas em torno de um acontecimento, as disputas de sentidos e a espetacularização de determinado evento a partir de discursos midiáticos que ganham significação e circulação na sociedade. Isto sem esquecer que ambas as instâncias não deixam de estar vinculadas uma à outra.

Eventos esportivos são fenômenos empíricos bastante significativos na cultura brasileira e que podem ser estudados pelo viés do acontecimento de diferentes formas. O engajamento e a experiência de torcidas como público em uma partida de futebol; a prática cotidiana de assistência e participação em jogos de futebol; a espetacularização do esporte em grandes ocasiões como a Copa do Mundo e as Olimpíadas; a midiaticização (Hjarvard, 2014) de algumas modalidades esportivas são apenas alguns exemplos de recortes que podem ser analisados tanto pela dimensão existencial quanto pelo viés de produção e disputa de sentidos.

Como já bastante enfatizado, o que definirá a abordagem escolhida é a formulação do problema da pesquisa e a natureza do acontecimento. O carnaval, o futebol, uma festividade religiosa, todos oferecem tanto elementos experienciais quanto simbólicos. Outros acontecimentos, por sua vez, configuram-se de forma mais expressiva na linguagem, sem perder de vista seu poder de afetação no mundo concreto, como escândalos políticos, disputas eleitorais, final de uma novela ou *reality show*, entre outros.

Simões (2012a) investe nessa dupla face do acontecimento para estudar a construção da imagem pública do ex-jogador de futebol Ronaldo Fenômeno, configurando-o como uma celebridade-acontecimento, com poder hermenêutico e de afetação, convocando públicos e promovendo produção e circulação de sentidos entre os sujeitos. Trindade (2012), por sua vez, trabalha com capas de revista como potência de sentidos, analisando o acontecimento das eleições presidenciais de 2010 tanto pelo seu poder de afetação quanto pelas disputas de sentidos.

A espetacularização do acontecimento

O tema da espetacularização dos acontecimentos encontra duas matrizes teóricas distintas: o conceito de sociedade do espetáculo, de Guy Debord (1997), e a corrente chamada *media events*.

A perspectiva de Debord e da Internacional Situacionista⁴, desenvolvida no clima de contestação que culminou no Maio de 1968 francês, acentua essencialmente a dimensão de consumo: tudo se tornou espetáculo, tudo se tornou representação, vivemos a tirania da imagem e da mercantilização de todos os aspectos da vida. Analisar os acontecimentos, por este caminho, é demonstrar como eles são explorados e espetacularizados pela mídia, transformados em mais uma mercadoria a serviço da alienação.

De forma bastante distinta, e em uma perspectiva mais antropológica, a linha do *media events* (que vem sendo particularmente explorada pela pesquisa norte-americana atual e tem antecedentes em décadas anteriores⁵) ganha projeção com os trabalhos de Daniel Dayan e Elihu Katz nos anos 1980 (1992). Ela pode ser traduzida, de forma sintética, como uma relação de dupla face entre mídia e acontecimentos. De um lado, ela marca uma ênfase específica na análise da comunicação de massa, privilegiando a cobertura de grandes momentos, de acontecimentos marcantes⁶. Por outro, ela destaca a qualidade nova que ganham os acontecimentos quando midiaticizados: tornam-se grandes espetáculos e cumprem funções sociais.

Conforme Dayan e Katz (1992), os acontecimentos midiáticos podem ser agrupados em três grandes *scripts*: as competições (como a Copa do Mundo); as conquistas (feitos de um herói, conquistas científicas, tais como o caso da ovelha Dolly, inaugurando a clonagem de mamíferos); e as coroações e momentos decisivos na trajetória de figuras carismáticas (por exemplo a morte de Ayrton Senna). Eles cumpriam, de acordo com os autores (e numa perspectiva durkheimiana), sobretudo, uma função de integração social.

Esses estudos foram revistos e complementados por autores mais recentes e pelo próprio Dayan (2006), destacando outras dimensões: sua relação com o poder e com situações de disputa e contestação (Dayan fala do “terror espetáculo”, analisando o 11 de setembro de 2001); os escândalos e as catástrofes da natureza; os acontecimentos nacionais e os transnacionais (Kellner, 2003), o “espessamento” da cultura midiática globalizada (Couldry; Hepp; Krotz, 2010).

Dessa literatura, três aspectos ou dimensões analíticas se destacam como eixos centrais para o tratamento do acontecimento: dimensão ritualística; dimensão performática; relação entre acontecimentos e valores sociais.

A primeira dimensão, e com o auxílio do conceito de ritual, permite-nos compreender como alguns acontecimentos são revestidos de dimensões formais e simbólicas, a serviço de valores religiosos e/ou tradicionais, alcançando uma quase sacralização. As competições esportivas, e sobretudo as premiações finais, são exemplos expressivos dessa ritualização contemporânea. A entrega de medalhas, ao som de hinos nacionais, ostentando a bandeira e geralmente

⁴ *La société du spectacle*, verdadeiro libelo contra o capitalismo e a sociedade de consumo, foi lançado em novembro de 1967, antecipando e projetando o espírito de Maio de 1968. Uma crítica do conceito é desenvolvida por Freire Filho (2003).

⁵ Podemos citar aqui o trabalho pioneiro de Cantril (1985), publicado em 1940, analisando a grande comoção pública provocada pelo programa radiofônico produzido por Orson Welles, *The invasion from Mars*, em 1938, nos Estados Unidos. Parte do público entendeu que a invasão era real e houve um pânico generalizado.

⁶ Dayan e Katz (1992) definem *media events* como *high holidays of mass communication* [maiores festas da comunicação de massa].

com a presença de um líder ou figura de grande reconhecimento, torna-se um momento de emoção, um ritual que fortalece o sentimento nacionalista. Também nos funerais, nas coroações ou na posse de líderes é possível observar e identificar quais elementos compõem a vivência do acontecimento enquanto certo tipo de ritual. Diferentes análises da morte de Tancredo Neves (Prata; Campelo, 2011) destacaram a ritualização daquele acontecimento (por parte das autoridades, da família, da mídia) enquanto morte de um mártir e de um herói.

A análise performática substitui o conceito de ritual pelo de performance; mais do que o simbolismo e o caráter de sagração do momento, busca-se identificar os desempenhos, a dimensão formal, a estética que impregna e que foi incorporada ao acontecimento-espetáculo. Na análise da comemoração oficial dos 500 anos de chegada dos portugueses ao Brasil, no dia 22 de abril de 2000, pudemos identificar várias performances ensaiadas e executadas – tanto pelas autoridades (a presença de autoridades portuguesas; o malogro da nau) como por movimentos de contestação (presença e tentativa de intervenção de grupos indígenas e negros).

Acompanhando essas duas dimensões e complementando-as, podemos também desenvolver uma análise de valores: que valores sociais, culturais, religiosos foram expressos e ressaltados pelo acontecimento-espetáculo? Pensemos no espetáculo Criança Esperança, acontecimento midiático anualmente promovido pela Rede Globo. É possível perceber, através das performances, do perfil das pessoas convidadas, do tipo de discurso veiculado, dos *slogans* e exemplos trazidos, quais valores – para além do cuidado com a infância – o evento exprime e vende.

A individualização do acontecimento

A individualização ou individualização⁷ de um acontecimento diz da sua singularização, do processo que o distingue de outros semelhantes. Trata-se de um caminho metodológico que pretende promover clareza, mas que não é único, pois as outras abordagens também são ricas para análises. Para Quéré (2011b), a apreensão do processo é decisiva para compreender tanto sua dinâmica própria como sua natureza social. Se individualizar é separar, buscar uma diferença que o torne individual. Essa diferenciação, no entanto, não se dá isoladamente: ela aparece dentro de um gênero ou de uma espécie, ou seja, ela tanto remete para o próprio indivíduo (implicando uma dimensão de unidade e uma de identidade) como mantém a referência ao conjunto do qual ele faz parte.

Os sentidos do acontecimento resultam de suas particularidades, mas são também iluminados e tensionados pelos significados do conjunto no qual

⁷ Os dois termos – individualização ou individualização – são praticamente sinônimos. No entanto, nos dicionários, o substantivo individualização acentua o processo pelo qual um indivíduo se diferencia de um outro da mesma espécie; ele mantém a ideia do todo (a espécie) e da parte (o elemento que se distingue). Individualização é a ação de se tornar individual; diferenciar-se por características individuais. A ênfase recai mais no próprio indivíduo. Embora vejamos o primeiro vocábulo como mais adequado para o que se discute aqui, utilizaremos o segundo, individualização, que é usado no artigo de referência de L. Quéré (*L'individualisation des événements dans le cadre de l'expérience publique*, publicado na França em 2000) e em sua versão portuguesa (Quéré, 2011b).

estão inseridos. “Se a individualização é diferenciação, segregação, unificação, qualificação, ela é também estruturação, integração, resolução de tensões e de contradições” (Ibid.: 14). Por esta razão, *individualizar* um acontecimento, analisar como ele se torna *este* acontecimento no meio de tantos outros é uma forma de melhor interpretar seus significados, mas é também altamente elucidativo das amarras sociais que ele expõe: as operações de individualização mostram que esta “passa por uma socialização, no sentido de uma inscrição num mundo social (de sentido e de coerência estabelecidos, de instituições, de usos e de costumes, de hábitos e de capacidades de acção etc.)” (Ibid.: 14).

Para Quéré, a individualização (tornar-se *aquele* acontecimento) é resultado de uma configuração (uma *prise de forme*), e em dois artigos (1995, 2011b) ele sugere operações analíticas que nos permitem apreender esta formatação e o processo de inscrição social do acontecimento. Tais operações podem ser mais ou menos estendidas; em trabalho anterior (França, 2011), apresentamos uma síntese em cinco etapas: descrição; narrativização; identificação do pano de fundo pragmático; caracterização do problema público; e normalização⁸, que resumiremos brevemente a seguir.

A *descrição* apresenta as características mais evidentes do acontecimento, arrola os fatos, mas, sobretudo, identifica a maneira como ele foi categorizado, isto é, o enquadramento ou enquadramentos que ele recebeu. Tomando um exemplo: a intervenção dos *black blocs* em determinada manifestação, no ano de 2013, foi lida como *ação de vândalos*, como *confronto político*, *ação direta* dos manifestantes? Essa fase descritiva é decisiva para a catalogação dos fatos e da maneira como eles foram apreendidos pela mídia e/ou setores da sociedade.

A *narrativização* é a articulação de seus vários momentos, a identificação dos agentes (actantes), a estruturação temporal. Ela seria feita após concluídas as várias fases do acontecimento, mas geralmente o trabalho midiático dispõe de esquemas narrativos prontos, e o novo acontecimento é simplesmente acomodado em esquemas disponíveis. Analisar a construção da narrativa é importante para perceber a ênfase conferida por ela (quais ações foram privilegiadas?), sua inscrição temporal (qual foi o ponto de partida escolhido pela história de tal escândalo de corrupção?), os agentes que foram privilegiados e seus papéis (que tipo de agenciamento?).

A *identificação do pano de fundo pragmático* corresponde ao plano da experiência, e nos leva à análise da recepção do acontecimento: como ele foi recebido, que ações e reações provocou. Lembrando que esse pano de fundo pragmático é alimentado pelo conhecimento advindo do senso comum, das estruturas normativas de uma cultura: a comoção, as orações, os sentimentos

⁸ Simões (2012b) apresentou uma síntese de três etapas do processo de individuação: 1) descrição, em que se identifica e descreve o acontecimento, relacionando-o com outros a fim de perceber sua singularidade; 2) narração, em que se organiza a narrativa do acontecimento, situando-o temporalmente; 3) pano de fundo pragmático, em que se busca perceber o envolvimento e a posição dos indivíduos em relação ao acontecimento.

D

Análise do acontecimento

⁹ Isabella Nardoni, uma menina de cinco anos, foi morta e arremessada do sexto andar de um prédio, em 2008. Esse crime hediondo, ao que tudo indica, foi cometido por seu pai e pela sua madrasta.

de revolta provocados pelo assassinato da menina Isabella Nardoni⁹ dizem de um comportamento e de padrões culturais da sociedade brasileira.

Já a *caracterização de problema público* nem sempre é alcançada por um acontecimento; trata-se do reconhecimento oficial de que aquele acontecimento específico se inscreve numa categoria mais ampla que atinge/prejudica a sociedade como um todo e deve ser alvo de tratamento e combate especiais. Acidentes automobilísticos provocados pelo alcoolismo são reconhecidos como problema público e têm levado ao recrudescimento da lei que coíbe álcool ao volante. Recorrentes assassinatos de mulheres no Brasil são frequentemente rubricados pela mídia como *crimes passionais*, explicados por ciúme, desequilíbrio dos parceiros. Tem havido uma luta grande de movimentos feministas e de setores do próprio Governo Federal – a exemplo do, hoje extinto, Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos – para entender tais ocorrências como crime de gênero e como um problema público que requer intervenções profundas.

A *normalização*, por fim, é a observação daquele momento em que a curva de interesse e mobilização em torno do acontecimento desce, o estranhamento que ele provocou é reduzido ou esquecido e a normalidade readquire seu ritmo. É o momento em que o acontecimento é absorvido pela vida de todos os dias.

Ao percorrer essas etapas de análise, busca-se evidenciar as especificidades de determinado acontecimento, o que o destaca em meio ao cotidiano e como, passada sua efervescência, torna-se parte do cotidiano.

CONCLUSÃO

Um dos desafios colocados hoje para nossa área é a busca de caminhos possíveis para a compreensão de um objeto de estudo extremamente complexo: a própria comunicação. Como Braga (2011), acreditamos que o percurso da formação em pesquisa passa pela compreensão da metodologia não apenas como conjunto de técnicas, mas como continuadas decisões apoiadas em uma perspectiva teórica orientadora – sem aprisionar o objeto empírico. Os passos pensados e percorridos em uma pesquisa devem seguir na direção de dialogar e confrontar o quadro teórico de referência com o aspecto do mundo da vida, foco de reflexão. Esse caminho é a metodologia.

É nesta perspectiva que, em nossas pesquisas, o uso do conceito de acontecimento como orientador e operador analítico tem se mostrado bastante frutífero, possibilitando abordagens que apresentam diferentes aspectos comunicacionais: a interação dos sujeitos no contexto da experiência cotidiana; a produção, circulação e disputa de sentidos e as múltiplas facetas da vida social; os valores que atuam e os que são contestados; o que a sociedade busca preservar quando

a normalidade é quebrada; quem atua e em qual direção; a movimentação dos tempos no contexto da comunicação; entre outros aspectos.

Porém, nesta reflexão, mais do que destacar a potencialidade do conceito de acontecimento, procuramos mostrar como ele se desdobra em diferentes possibilidades analíticas e como nossas perguntas em torno do objeto de estudo indicam caminhos diversos. Não existe *uma* metodologia de análise do acontecimento, mas inúmeros e promissores desenhos metodológicos.

Assim, não buscamos oferecer aqui técnicas de pesquisa, mas nos propusemos a apresentar algumas possibilidades que vêm sendo exploradas em nosso trabalho. A síntese aqui apresentada é resultado de nosso envolvimento com o conceito em cursos específicos, na orientação e realização de pesquisas. Registrar esse percurso nos pareceu oportuno para colocar em discussão a temática do acontecimento e suas potencialidades metodológicas na área de Comunicação. Ao mesmo tempo, buscamos contribuir com pesquisadores em diferentes fases de formação e pesquisa que podem encontrar neste conceito um potencial caminho teórico e metodológico.

Uma pesquisa estruturada sobre os diversos trabalhos já realizados na área orientados pelo conceito de acontecimento poderá nos indicar outras abordagens e outros elementos de análise. Com isso, a síntese proposta não se esgota neste texto; talvez este seja um ponto de partida para uma discussão metodológica de um conceito que, a partir de diferentes autores e correntes teóricas, vem encontrando reverberações. ■

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. E. *A performance dos públicos e a constituição social de valores: o caso Alberto Cowboy*. 2008. 176 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- ARENDT, H. Compreensão e política. In: _____. *Compreender: formação, exílio e totalitarismos (ensaios) 1930-54*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 330-346.
- BABO, I. O acontecimento e os seus públicos. *Comunicação e Sociedade*, Braga, v. 23, p. 218-235, 2013. DOI: [http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23\(2013\).1623](http://dx.doi.org/10.17231/comsoc.23(2013).1623).
- BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. *Revista da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-compós*, Brasília, DF, v. 14, n. 1, p. 1-33, jan./abr. 2011.

- CANTRIL, H. La invasión desde Marte. In: MORAGAS, M. (Org.). *Sociología de la comunicación de masas. II. Estructura, funciones y efectos*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1985. p. 91-110.
- CHARAUDEAU, P. A construção da notícia: um mundo filtrado. In: _____. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 131-142.
- COULDRY, N.; HEPP, A.; KROTZ, F. (Orgs.). *Media events in a global age*. Londres: Routledge, 2010.
- DAYAN, D. (Org.). *La terreur spectacle. Terrorisme et télévision*. Bruxelas: De Boeck, 2006.
- DAYAN, D.; KATZ, E. *Media events: the live broadcasting of history*. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEWEY, J. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FRANÇA, V. R. V. O crime e o trabalho de individuação do acontecimento no espaço midiático. *Caleidoscópio*, Lisboa, v. 10, p. 59-72, 2011.
- _____. O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística. In: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 39-51.
- FRANÇA, V. R. V.; GUIMARÃES, C.; VAZ, P. B. *Imagens do Brasil – modos de ver, modos de conviver*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FREIRE FILHO, J. A sociedade do espetáculo revisitada. *Famecos*, Rio Grande do Sul, v. 22, p. 33-45, 2003. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2003.22.3230>.
- GOFFMAN, E. *Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- HJARVARD, S. Mídiação: conceituando a mudança social e cultural. *MATRIZES*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 21-44, jan./jun. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p21-44>.
- KELLNER, D. *Media Spectacle*. Londres: Routledge, 2003.
- KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- MEDITSCH, E. Jornalismo e construção social do acontecimento. In: BENETTI, M.; FONSECA, V. P. S. (Orgs.). *Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos*. Florianópolis: Insular, 2010. p. 19-42.

- MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (Orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2. ed. Brasília, DF: Editora da UnB, 2002. p. 49-83.
- PRATA, N.; CAMPELO, W. (Orgs.). *Tancredo Neves: a travessia midiática*. Florianópolis: Insular, 2011.
- QUÉRÉ, L. L'espace public comme forme et comme événement. In: JOSEPH, I. (Org.). *Prendre place. Espace publique et culture dramatique. Colloque de Cérizy*. Paris: Ed. Recherches. 1995. p. 93-110.
- _____. Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa*, v. 6, 2005, p. 59-75.
- _____. Por uma abordagem pragmatista dos acontecimentos. *Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 176-183, 2011a. Entrevista concedida a Leandro Rodrigues Lage e Tiago Barcelos Pereira Salgado.
- _____. A individualização do acontecimento no quadro da experiência pública. *Caleidoscópio*, Lisboa, v. 10, p. 13-37, 2011b.
- _____. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: FRANÇA, V. R. V.; OLIVEIRA, L. (Orgs.). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 21-38.
- RICOEUR, P. Événement et sens. *Raisons pratiques*, Paris, n. 2, p. 41-56, 1991.
- SIMÕES, P. G. *O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo*. 2012. 283 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012a.
- _____. Ronaldo e a Copa de 2002: dons e valores na construção de uma celebridade carismática. *Dispositiva*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 107-121, 2012b.
- _____. O acontecimento e o campo da comunicação. In: FRANÇA, V. R. V.; ALDÉ, A.; RAMOS, M. C. *Teorias da comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas*. Salvador: Edufba, 2014. p. 173-195.
- TRINDADE, V. C. *Capa de revista e produção de sentidos: possibilidades de leitura a partir do acontecimento Serra X Dilma*. 2012. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

Artigo recebido em 3 de outubro de 2017 e aprovado em 8 de novembro de 2017.